

PROTOCOLO DA ENTREVISTA EE6

ENT. – Feita a legitimação da entrevista, passamos de imediato ao segundo Bloco que se centra nas representações das educadoras cooperantes acerca do Projecto Curricular de Grupo. Nesse sentido, a primeira questão à qual gostaria que me respondesses é: qual o sentido pessoal que atribuis ao Projecto Curricular de Grupo?

SUJ. – Eu acho que é muito importante. Actualmente, acho que é muito importante porque, no fundo, representa uma linha orientadora, também com a nossa intencionalidade educativa. Pronto, para mim ajuda muito. Se bem que...tenta-se promover a aprendizagem activa da criança e todas aquelas coisas que nós sabemos... eu quando faço o Projecto Curricular de Grupo também é numa perspectiva de ele ser o mais flexível possível atendendo ao contexto que tenho na sala, ao conhecimento que tenho das crianças, quer social, quer familiar, quer cultural. De acordo com todas as diferenças que eu tenho, eu tento que o Projecto seja o mais abrangente possível de modo a enriquecer cada uma e todas as crianças daquele grupo. Portanto, eu acho que é muito importante e ajuda muito. Depois, como ele é aberto à reformulação a qualquer altura nós vemos se os objectivos que nós planeamos hoje perspectivando um futuro de aprendizagem e desenvolvimento, se estão adequados, ou se temos que reformular e ir por outro caminho que, dentro do contexto, nos parece mais adequado e necessário, na altura.

ENT. – Que fundamentos teóricos consideras fundamentais para a realização do Projecto Curricular de Grupo?

SUJ. – Portanto, eu acho que as novas correntes pedagógicas, em termos teóricos, ajudam-nos, fazem-nos pensar, fazem-nos reflectir. Às vezes até nos ajudam a mudar práticas que, ou porque estão enraizadas, ou porque o grupo e o contexto é completamente diferente naquele ano. Eu, às vezes, sinto necessidade de ir ler alguns teóricos como por exemplo, Teresa Vasconcelos, Formosinho, Marília Mendonça, as Orientações Curriculares, um livro do Ministério da Educação que se chama Qualidade e Projecto, artigos de opinião. Eu, pessoalmente, sinto necessidade, às vezes, de ler, não por aquilo que de lá vou tirar mas sim, para ter a certeza se sobre o que eu estou a fazer naquele contexto, ou se as ideias que eu tenho estarão mais ou menos correctas. Portanto, às vezes não é que eu vá lá buscar coisas novas para pôr em pé, não...às vezes é para eu pensar, tenho uma dúvida...vou ler um bocadinho e afinal não estava correcta, ou estava correcta... é um bocado mais nesse sentido que eu acho que é importante irmos “beber” um bocadinho da teoria.

ENT. – Acho que isso também nos dá outra segurança e outro equilíbrio porque lemos coisas que afinal já sabemos e até praticamos, mas acaba por ser outra opinião que vem confirmar a nossa prática.

SUJ. – Exactamente, até porque eu acho que nós estamos sempre em crescimento e aprendizagem. O conhecimento está sempre a evoluir, há sempre novas teorias, novas opiniões e confrontar as nossas... porque eu, às vezes, o que sinto é se eu não fizesse nada disto eu estava acomodada num marasmo então eu sinto essa necessidade, às vezes até para me confrontar, porque tenho dúvidas! E ainda bem que as tenho. Ainda bem que, todos os dias, aprendo um bocadinho, até com os meus meninos! Aprendo sempre todos os dias um bocadinho.

ENT. – Ainda em relação ao PCG., quais os aspectos que consideras imprescindíveis contemplar no Projecto?

SUJ. – Para já, ele tem que ser feito de acordo com as Orientações Curriculares, que abrangem as três áreas de conteúdo que nós todas conhecemos. Depois, eu acho que a preocupação quando nós projectamos, portanto, quando se faz um projecto é pensar a realidade que temos; pensar, sentir as necessidades que aquele grupo tem e articular com o que vem nas Orientações Curriculares. Portanto, eu acho que basicamente, estes são os aspectos mais importantes. Depois temos aquele grande Projecto ao qual damos um título, que este ano era “Crescer saudável num ambiente agradável” e que tinha três grandes áreas: higiene pessoal, alimentação e ambiente. Dentro destes três blocos eu tinha os meus objectivos muito delineados porque eu percebia que com aquelas crianças, havia, por exemplo alguns grandes problemas de cáries e isto já vai ligar com a alimentação. Em termos de ambiente, alguns não têm hábitos de preservação, de cuidados a ter, da importância. Portanto, estava tudo interligado e este grande projecto vai acabar por ser interligado com as áreas curriculares e tudo é trabalhado transversalmente. Portanto, eu acho que o mais importante que tem que estar no projecto é a realidade daquele grupo, as necessidades daquele grupo e, vamos trabalhar de acordo com essas necessidades. Se chegarmos à conclusão que um círculo se pode fechar, então, abrimos os nossos caminhos, mas sempre de acordo com as necessidades, o viver, o sentir e as experiências e saberes daquelas crianças.

ENT. – Ainda relativamente à concepção/elaboração do documento, eu sei que foste tu que construístes o PCG. E a questão é: tendo em conta que és a responsável da sala de actividades e, simultaneamente supervisora da prática pedagógica, qual foi o teu papel na fase de análise desse Projecto; pelas alunas?

SUJ. – O documento estava feito quando elas chegaram, eu mostrei-lhes o documento, expliquei-lhes porque é que aquele documento estava elaborado daquela maneira, que aquele documento tinha sido feito com base no conhecimento que eu tinha daquele grupo, do contexto social, familiar, da comunidade educativa e, que estava ali a minha intencionalidade, enquanto educadora daquele grupo de crianças, mas que “aquilo” era um documento aberto. Passei para as mãos delas e disse-lhes: *“agora, a partir daqui, vocês leiam, analisem, acrescentem, alterem, reformulem aquilo que vos parecer que não está contemplado, ou não está muito adequado”*. Portanto, a primeira abordagem foi essa e deixá-las o mais à vontade possível para elas alterarem, acrescentarem, e pegarem... portanto “aquilo” não é um documento acabado. O documento está aberto e em constante reformulação e crescimento.

ENT. – E depois das alunas fazerem a análise, leste esse trabalho delas?

SUJ. – Sim, voltei a ler a análise delas e falei com elas. Elas não reformularam nada em termos de conteúdos, de competências nem de estratégias. O que acharam é que faltava naquele Projecto era definir as características das faixas etárias das crianças que compunham aquele grupo e elas fizeram isso.

ENT. – Achas que é vantajoso seres tu a construir o PCG e depois dares às alunas para analisarem e reflectirem sobre ele, ou achas que será importante as alunas co-construírem o Projecto contigo?

SUJ. – Eu acho que se o Projecto fosse elaborado algum tempo depois de elas terem iniciado a Prática Pedagógica, era bom para elas e para mim elaborarmos o documento em conjunto. Mas a realidade é que elas quando cá chegam o ano já iniciou e o Projecto já tem que estar feito. Elas quando chegam não têm conhecimento nenhum da realidade, portanto, se calhar, para elas, é mais fácil darem-me um voto de confiança a mim, que conheço a realidade das situações, elaborar o documento e deixá-lo aberto a sugestões e intervenções da parte delas, do que serem elas a elaborar um documento, que, para mim, era “cair aos trambolhões”. Porque elas quando chegam não conhecem a realidade e iam elaborar um projecto para um grupo de vinte e cinco crianças que elas não conhecem. Se fosse

elaborado algum tempo após o início da prática pedagógica, eu acho que era muito bom para elas e para mim, elaborarmos em conjunto. Pôr os nossos conhecimentos todos “na mesa” e aí, se calhar, o documento sairia muito mais enriquecido, ou não...mas acho que seria interessante. Mas como nós temos que o fazer no início do ano é impensável as alunas chegarem cá e passada uma semana elaborarem um Projecto Curricular de Grupo.

ENT. – Dadas as circunstâncias que acabaste de descrever, parece-te então, que é correcto, ou o mais correcto é a educadora fazer o PCG e...

SUJ. – Fica um documento aberto a propostas. Dentro das circunstâncias eu acho que é o mais correcto.

ENT. – Sentiste dificuldades em elaborar este documento?

SUJ. – Às vezes tenho algumas dúvidas. Eu conheço muito bem o contexto social porque estou cá há já alguns anos. Talvez conheça as características de metade do grupo porque a outra metade transitou para o primeiro ciclo. Conheço a realidade de metade do grupo. Às vezes, quando estou a planificar já estou a fazê-lo para cada uma, mas também para o conjunto de quinze crianças que eu já conheço bem, mas tenho outras dez que eu não conheço também. Daí, às vezes, quando eu estou a planificar e tento visualizar cada uma das crianças não sei se... mas ao mesmo tempo também penso que o documento é aberto, logo se não me parece bem posso ir por outro caminho. As dúvidas que se me colocam mais é neste sentido, não é tanto em termos das competências, nem nos objectivos para cada faixa etária, é mais em termos de falta de conhecimento mais aprofundado de todo o grupo. Isso às vezes traz-me algumas dúvidas, mas que, vou tentando ultrapassar diariamente.

ENT. – Da parte das alunas, notaste alguma dificuldade na análise?

SUJ. – Não, acho que elas não tiveram dificuldades. Analisaram, perceberam o porquê, acho que não tiveram dificuldades.

ENT. – Em termos de recursos humanos e materiais, tiveste que recorrer a alguém? O que foi necessário?

SUJ. – Sim, precisei muitas vezes. Porque é como eu já disse, nós estamos sempre a aprender, eu às vezes quando estou a desenvolver um projecto com as crianças quero desenvolver determinada actividade que eu idealizo e depois surgem-me dúvidas na prática

e às vezes confronto com colegas, digo que tenho certa dúvida, pergunto, peço ajuda, pergunto se têm material de suporte... e o inverso também acontece, até porque nós aqui trabalhamos muito em equipa. Também recorro a livros, quer para suporte das actividades, quer como suporte teórico. Depois temos os recursos da instituição: os computadores, datashow, recursos da Câmara Municipal, em termos de transporte, fotocópias. Precisamos sempre de vários recursos humanos e materiais.

ENT. – Que estratégias adoptaste no sentido de ajudar as alunas no processo de análise do PCG?

SUJ. – Tal como já disse, foi estar atenta. Uma preocupação minha foi sempre a de chamar a atenção para que ao executar, ao pôr em prática o Projecto, também incluírem o seu cunho pessoal, não se sentirem coagidas ou obrigadas pelo facto de eu ter pensado assim, elas também terem de agir dessa forma. Eu acho que é muito importante elas sentirem o documento também como seu e, exactamente por isso, adaptarem-no a si, à sua forma de estar inculindo-lhe o seu cunho pessoal e isso eu acho que elas conseguiram. Eu acho que elas conseguiram. Às vezes no final da semana perspectivava-se logo como é que as coisas iriam decorrer na semana seguinte e na segunda-feira ela traziam a planificação e, normalmente, eu lia sozinha porque elas já estavam com o grupo e depois quando havia algum comentário, ou alguma dúvida, quer da minha parte, quer delas, havia sempre a partilha. Elas foram muito coerentes e tentaram o mais possível tratar os objectivos que estavam definidos no documento, mas transmitindo muito cunho pessoal delas. Acho que nesse aspecto as coisas articularam-se e funcionaram muito bem.

ENT. – Consideras que há aspectos que devem ser da tua inteira responsabilidade na operacionalização do PCG?

SUJ. – Em termos de prática eu acho que devem participar em tudo. Eu estou lá para ajudar, colaborar e aprender também com elas. Eu não sou detentora de nada, até lhes costumo dizer que gostava que me vissem como uma pessoa que está para as ajudar e para caminharem juntas e não como a má da fita. Às vezes acontecem situações que eu tenho que chamar a atenção, mas acho que elas devem partilhar toda a responsabilidade da sala.

ENT. – Então em relação à margem de liberdade que é dada às alunas na execução do PCG....

SUJ. – Têm toda a liberdade.

ENT. – Quais os aspectos em que verificas um maior nível de conhecimentos por parte das alunas?

SUJ. – Em termos teóricos, muitos conhecimentos. A dificuldade maior que eu senti nas alunas, no início, foi na aplicação dos conhecimentos teóricos à prática. É saberem toda a teoria, mas depois, na prática, perante vinte e cinco crianças em que nenhuma é igual à outra, operacionalizar essa teoria, foi a maior dificuldade que eu verifiquei.

ENT. – Quais as estratégias de supervisão por ti adoptadas no sentido de ajudares as alunas na fase de operacionalização e avaliação do PCG?

SUJ. – No início eu tinha um papel mais interventivo na operacionalização do Projecto, porque elas estavam mais inseguras, não conheciam o grupo e eu tinha um papel mais activo, não directivo, porque não é o caso, era um papel mais interventivo. Eu sentia a necessidade de chamar muito mais vezes a atenção, mesmo no decorrer das actividades. Há medida que as coisas vão avançando, eu própria decido não ter esse papel tão interventivo e deixar que sejam elas, já mais seguras e confiantes, a estarem “mais à frente”, depois, então, fazíamos a reflexão e a avaliação. No início eu sinto necessidade de intervir e acho que é fundamental, porque se eu vou intervir só no fim do dia, acho que há muita coisa que se perde, por isso eu sinto necessidade de estar constantemente a chamar a atenção aos diversos pormenores. À medida que eu vejo que elas já estão mais seguras e que também é importante para elas sentirem essa segurança, eu deixo de intervir tanto. Digo-lhes mesmo que está na hora delas começarem a sentir essa segurança, que já são capazes de resolver as situações, logo não há necessidade de eu intervir tanto e fazemos a reflexão no final do dia.

ENT. – Consideras que esta possibilidade de analisarem, operacionalizarem e avaliarem o PCG contribui para o desenvolvimento de competências profissionais nas alunas, futuras educadoras de infância?

SUJ. – Eu acho que sim, porque o facto de o documento lhes ser dado, sobre uma realidade que elas desconhecem, as obriga a uma análise e reflexão. Quando elas colocam o seu cunho pessoal...isso também as ajuda a analisar, a reflectir, isto se entenderem que não se trata de um documento fechado e se o sentirem como um documento que também é seu. Eu acho que é muito bom para elas, acho que as ajuda. O facto de já estar feito, talvez ainda implique uma maior responsabilidade na maneira como elas vão intervir e como vão participar. Isso obriga-as a um trabalho muito grande de reflexão, de análise e de

coerência. Acho que em termos de desenvolvimento de competências é muito bom para elas.

ENT. – Queres explicitar algumas das competências que achas que as alunas desenvolveram?

SUJ. – A capacidade de reflexão, a capacidade de transformar um documento já feito à sua forma de pensar e de agir. Em termos de planificação também as vai ajudar porque em termos de objectivos gerais, do grande projecto já está lá e em termos de planificação acho que ajuda e é importante. Por outro lado, à medida que vão conhecendo o grupo também percebem melhor a realidade e talvez tenham de voltar a analisar e reflectir sobre a sua própria planificação. De uma maneira geral, como pessoas e como profissionais, eu acho que desenvolvem competências...a segurança, a reflexão, a humildade. A mim pessoalmente, esta partilha também me enriquece e eu aprendo muito com as estagiárias. É verdade, nós aprendemos e construímos muito todos os dias. Eu também tenho que reflectir e analisar tudo. Esse processo de reflexão também me obriga a pensar muito. É um processo que eu considero muito enriquecedor.

ENT. – Terminámos a entrevista, resta-me agradecer-te. Mais uma vez, muito obrigada pela colaboração e disponibilidade.